



ERASMUS



Estávamos em 1993, tinha terminado o meu bacharelato em conservação e restauro e iniciava uma pós graduação em Arqueologia da Paisagem. Durante esses anos, tive o enorme privilégio de experienciar diversos estágios, quer em Portugal, quer no estrangeiro, nomeadamente França (1990 e 1991 – 1 mês cada) e no Reino Unido (1991 – 1 mês). Em Portugal, e desde cedo, participei em diversos estágios e campos de trabalho, inclusive como monitor, nos quais participavam sempre diversos estudantes estrangeiros de diferentes nacionalidades.

Certo dia (isto ainda em 1992), e como era algo habitual, estava com alguns colegas no laboratório de arqueometria, durante um intervalo de aulas, quando entrou o Professor Luiz Oosterbeek a anunciar a aprovação de um Programa Erasmus em Itália (do qual era responsável), ao que me propus quase que *automaticamente*.

Por questões de trabalho e formação, os quais desenvolvia na época no Instituto Politécnico de Tomar, tive que me deslocar a Itália em duas fases: uma primeira durante três semanas (entre Janeiro e Fevereiro) e uma segunda, nas férias de verão, nos meses de Julho, Agosto e Setembro (de 1993).

Sendo a experiência de visitar e viver noutros países uma mais-valia para a nossa formação, devo dizer que fazê-lo, não apenas como aluno, mas através de uma *vivência integrada*, neste caso, com os italianos, foi sempre para mim o melhor modo de obtê-la.

Dentro deste espírito, foi muito importante aprender a língua, não só para evitar a perda de informação que sempre sucede na comunicação, através de uma terceira língua, como ficamos a ganhar com modos de expressão e palavras por vezes difíceis de traduzir.

Durante os primeiros cerca de dois meses, comuniquei quer em inglês, quer em francês, consoante as necessidades ou conhecimentos de outros alunos presentes. No terceiro mês, integrado entre pessoas que praticamente só falavam italiano, vi-me *obrigado a soltar a língua e nunca mais parei...*

Ainda hoje sinto uma grande facilidade em falar italiano, o qual pude pôr em prática recentemente, durante este verão numa caminhada a Santiago de Compostela.

Um aspecto determinante na minha integração foi o modo como fui acolhido.

O professor responsável, em Itália, Professor Carlo Peretto recebeu-me em sua casa na primeira noite, ficando a partir do dia seguinte em casa dos pais de um dos seus doutorandos, Martino Ferrari.

Este aspecto, muito para além do lado económico, foi primordial, uma vez que acabei inserido numa família e num grupo de amigos *emprestados* com quem ainda hoje mantenho contacto.

Profissionalmente, participei entre os diversos projectos e trabalhos que decorriam, quer no campo, quer em laboratório, o que me deu uma óptima visão de como podem evoluir dentro de uma equipa e as adversidades que se podem encontrar.

Mesmo nos dias e momentos livres, foram-me dados a conhecer outros projectos paralelos, visitar museus, exposições, congressos, monumentos e paisagens naturais.

Conheci muita gente, *provei* muitos dos seus costumes e da sua maravilhosa gastronomia, que ainda hoje confecciono para amigos e família.

O Programa Erasmus em Itália, quer em termos profissionais, quer em termos pessoais, foi uma experiência de vida incrível e inesquecível. Poderia mesmo dizer que *foi um dos melhores anos da minha vida*.

Em 2009, levei a minha filha de 9 anos Matilde, a Itália, para conhecer *a minha família e amigos italianos*.



FERRARA

* Itália

O Programa Erasmus em Itália, quer em termos profissionais, quer em termos pessoais, foi uma experiência de vida incrível e inesquecível.

Luís Guerra de Vasconcellos e Sá